

Senhor Presidente

Senhores Deputados

Senhores Membros do Governo

Entre os dias 10 e 13 do corrente mês de Junho ocorreram eleições para o Parlamento Europeu. Pela primeira vez realizaram-se eleições nos 25 países membros da União Europeia com vista ao preenchimento dos 732 lugares de deputados.

Estas eleições foram marcadas por dois fenómenos relevantes: uma elevada abstenção e uma clara e dura crítica aos partidos que sustentam a generalidade dos governos nacionais.

Portugal, no seu todo bem como no contexto dos seus três territórios, Continente, Açores e Madeira não fugiu a esta regra.

Na Região Autónoma da Madeira a abstenção quedou-se pelos 54,38% tendo a coligação Força Portugal obtido 50,29% dos votos e o Partido Socialista 30,55%.

Na Região Autónoma dos Açores a abstenção foi de 69,25%, a mesma de 1999 que fora de 69,11% com o Partido Socialista a ganhar as eleições com 49,31% e a Coligação a receber apenas 40,95% dos votos.

Como resultados globais portugueses a abstenção cifrou-se em 61,21% tendo o Partido Socialista vencido as eleições por 44,52% dos votos contra os 33,26% da Coligação.

Em países como a França, a Alemanha ou a Polónia os eleitores votaram claramente contra os partidos no poder penalizando assim quem os vem dirigindo, pela prática de políticas antipopulares, independentemente de se

tratar de partidos de direita ou de esquerda, de liberais, trabalhistas, social-democratas, conservadores ou democratas cristãos.

Portugal uma vez mais respeitou essa directriz: os Portugueses votaram inequivocamente contra as políticas do governo de Durão Barroso e Paulo Portas, contra o desemprego, contra o não abaixamento dos impostos, contra os não aumentos salariais, contra as reformas que se fizeram na segurança social, na educação ou na administração pública, contra o código de trabalho contra a Coligação que no Governo que nos tem conduzido a um desemprego diário de dezenas de trabalhadores, falência de empresas ou a sua deslocação para outras paragens.

Os Portugueses votaram a favor de uma mudança profunda nas políticas económica, social, cultural no nosso País.

Senhor Presidente

Senhores Deputados

Senhores Membros do Governo

Se esta análise é correcta para Portugal no seu todo como se justificam os resultados nos Açores e na Madeira?

Os Açorianos e os Madeirenses quiseram castigar o Governo da República mas não o fizeram para os seus governos regionais. Alberto João Jardim e Carlos César não sofreram desgastes com estas eleições.

No nosso arquipélago foi bem explícita: foram as primeiras eleições em que o Partido Socialista se confrontou com a com a recém-constituída coligação entre PSD e o PP e que resultou numa retumbante vitória do Partido Socialista.

Em 1999 nos Açores, o PS obteve mais 3,43 pontos percentuais de votos do que o conjunto dos partidos que hoje formam a coligação. No passado domingo os Socialistas aumentaram esta diferença para mais 8,36 pontos percentuais de votos.

Como disse o Presidente do PS/Açores, no domingo : “O PS obteve uma votação, nestas Eleições Europeias, claramente superior à sondagem publicada no jornal “Expresso”, que indicava que o Partido Socialista ganharia as eleições nos Açores para o Parlamento Europeu ...”

E, Senhores Deputados, se me permitem continuarei a citar Carlos César:

*“Não discuto, como qualquer pessoa de bom senso, que estas eleições não foram eleições para a Assembleia Legislativa Regional. Mas não posso entender que qualquer pessoa com bom senso não compreenda que há uma influência muito forte da opinião que as pessoas têm sobre os governos nos desfechos destas eleições verificadas em todos os países da União Europeia e no nosso próprio País, no Continente. Se me parece válido que se diga, no caso alemão, que o Partido Social Democrata alemão foi penalizado exactamente pelos eleitores nestas eleições Europeia,; se me parece válido que se tenha dito isso em relação a todos os países, por todos os comentadores, se me parece válido que até alguns analistas açorianos tenham comentado que a vitória do Partido Socialista no Continente constitui uma penalização do Governo da República, parece-me de pouco bom senso que, nos Açores, não exista Governo para comparar.*

*Seríamos uma curiosíssima excepção em toda a União Europeia. Ora, nós temos circunstâncias específicas e especificidades no plano social e no plano económico, que nos configuram como Região Ultraperiférica, e com necessidades de ordem económica e de ordem de majoração de apoio da União Europeia para determinados efeitos, mas não temos uma diferença tão substancial que nos Açores esse raciocínio não seja aplicado, como é aplicado*

*em todos os Países e Regiões da União Europeia. Tenho, por isso, a convicção de que os resultados destas eleições para o Parlamento Europeu, nos Açores, que deram esta grande vitória ao Partido Socialista, uma vitória, como disse, substancialmente superior ao das eleições Europeias em 1999, que se verificaram, aliás, antes de uma vitória que se seguiu nas eleições para a Assembleia da República, e de outra grande vitória que se seguiu para as Eleições Regionais, não me parece, por isso, legítimo pensar que estas eleições não tenham uma mínima relação com aquilo que se pode passar no próximo futuro. Isto não quer dizer que o Partido Socialista e todos os independentes – aos milhares –, que nos apoiam por estes Açores fora, e que acreditam no trabalho que estamos a desenvolver no Governo Regional em prol do progresso dos Açores, não se tenham que manter atentos e não tenham que reforçar o seu trabalho, para obtermos aquilo que hoje acreditamos com muita força, e que os açorianos por essas ilhas fora acreditam com muito vigor, que é a grande vitória, a vitória merecida que vamos ter nas próximas eleições Regionais.*

*Sei, como disse, que são eleições naturalmente diferentes. Estas são para o Parlamento Europeu, as próximas eleições são para a Assembleia Legislativa Regional. Mas eu tenho a mesma opinião da mandatária regional da Coligação nestas eleições. Como ela escreveu, eu também penso que, em relação a estes resultados, a mudança passava por aqui.”*

Senhor Presidente

Senhores Deputados

Senhores Membros do Governo

Termino por onde deveria ter começado, saudando os açorianos eleitos deputados para o Parlamento Europeu, Paulo Casaca e Duarte Freitas desejando-lhes um óptimo trabalho em prol dos Açores.

Recordo e curvo-me perante a memória do grande cidadão, professor, político, governante, católico que foi o Professor Doutor Sousa Franco que tão inesperadamente desapareceu do meio de nós. Que o seu exemplo perdure entre nós Açorianos que tanto lhe ficámos a dever. Sejam capazes de enfrentar o “bom combate” como ele o fez com empenho, dedicação, entrega total.

Senhor Presidente

Senhores Deputados

Senhores Membros do Governo

Este acto eleitoral decorreu com toda a normalidade nos Açores. Os eleitores açorianos expressaram o seu voto como bem quiseram e entenderam: em liberdade e em consciência.

Mais Açorianos foram votar nestas eleições do que em 1999. Mais Açorianos votaram agora no PS do que em 1999. Menos Açorianos votaram agora na Coligação de Direita do que votaram em 1999 nesses partidos.

Esperamos e desejamos que novos actos eleitorais se realizem com o mesmo espírito mas com mais participação nas urnas.

O voto é um direito mas é também um dever que os democratas devem exercer.

Disse

Horta, Sala das Sessões, 15 de Janeiro de 2004

O Presidente do Grupo Parlamentar do PS: Francisco Sousa